

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

## O AMOR EM LUA DE MEL: UMA CORROBORAÇÃO DO CONFLITO DA EXISTÊNCIA NO OUTRO

MAIA, Cláudio Silveira.<sup>1</sup>

PEREIRA, Thiago Machado.<sup>2</sup>

É tão bom ficar te olhando,  
Notando os seus gestos, seu jeito,  
Te escutando amando sentindo cada fração das vibrações que cintilam do teu olhar, da tua boca, da tua pele...  
do teu corpo em parte enrubescido que me mata de desejo!  
Do desejo de ficar ali,  
Paralisado apenas a te olhar.  
Tão perto e junto...  
Até me vestir completamente de ti!  
(CSM)

### 1. INTRODUÇÃO

O amor em lua de mel é a indicação espontânea e instantaneísta de todos os amores representados pela tragédia que é o amor na forma como ele circula antologicamente. De como nos dão soberbos exemplos as telenovelas, os romances e todos os escritos e mídias que tematizam o amor, o amor nos é apresentado como uma epifania da paixão que se apaga tão logo termine a chama que se acendeu.

Todos os livros da literatura, independentemente da época, versam que, se o tema é o amor, o amor continua sempre em lua de mel com os tantos amores criados e recriados a partir dos vários mitos que as gentes no mundo inteiro nos tempos já imemoráveis pensaram

---

<sup>1</sup> Professor Doutor e Mestre em Estudos Literários, autor, colaborador e revisor dos textos publicados neste Caderno. Diretor de Ensino da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES, Unidade Guarantã do Norte-MT; claudio@ajes.edu.br.

<sup>2</sup> Professor Doutor e Mestre em Odontologia, coautor deste ensaio de crítica literária, professor e orientador do programa de Iniciação Científica da Faculdade do Norte de Mato Grosso – AJES – Unidade Guarantã do Norte-MT; thiagomachado@ajes.edu.br.

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

fazer dele. Com efeito, há nisso tudo, desde sempre, um conflito existencial do próprio amor no amor de amar o que implica necessariamente o consentimento do outro ou da outra.

## 2. LUA DE MEL EM *DOM CASMURRO*

[...] Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. (ASSIS, 1997, p. 85).

Essas linhas da narrativa de Dom Casmurro, apesar de advindas de um narrador que nos conta sua própria história, nos dizem da contradição que se impõe, mas que não desmineraliza a verdade: amor e traição não combinam, não podem coexistir. Por isso mesmo, amor em sua compreensão universal não se tange com os cosmos da paixão, lugar em que tudo é possível, surpreendente e instintivo. O amor é a razão que dele se alimenta harmoniosamente.

De tudo se abstrai e esvai. Em nada se apega ou funde. Segue! Flutuante e denso, leve e solto. Autossuficiente. Não prende nem exige, não troca, se doa de um modo maravilhosamente cômico e senhor de si: não aprisiona nem se faz prisioneiro.

Por esse fato o amor tem sido perseguido desde os tempos primordiais. Ele materializa uma estabilidade que não se encaixa nos padrões humanos. A propósito, o ser humano é instável e cediço. Vive da vontade insaciável de experimentar o diferente... ainda que passe pela vida tendo-a de uma única maneira.

Nesse quadro, percebe-se que Bentinho tem a visão turva e a mente embaralhada pelo que cisma ver em Capitu. Sua descrição atrás transcrita nos traz uma mulher idealizada muito ao molde romântico, uma quase *mulher fatal*, o que aliás se choca com o cariz realista da obra machadiana em *Dom Casmurro*. De fato, ali a realidade é que se vai, permanecendo uma atmosfera de insegurança que revela o propósito do narrador que está fora da história: não contar o que além de tudo que pode ser.

Note-se que não se trata de Capitu. Trata-se de Bentinho o tempo todo. Dele como homem inconstante, inseguro e incompatível sexualmente com o que Capitu se lhe afigurava. Não à toa, o amor lhe soava como interdição de si mesmo consoante uma ausência do ser que só poderia provocar, mais cedo ou mais tarde, as conclusões relatadas por ele a respeito de Capitu. Com efeito, tal como se escreve no 13º parágrafo do capítulo 12, “Bentinho ao andar

**“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.**

tinha as pernas desandando, que ora estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo” (trecho com adaptações). Então o amor aí enquanto e até quando resiste por parte de Capitu, em Bentinho toma a forma de Escobar:

Na fotografia de Escobar que Bentinho tem na parede, o amigo está “de pé, sobrecasaca abotoada, a mão esquerda no dorso de uma cadeira, a direita metida ao peito, o olhar ao longe para a esquerda do espectador”. A pose e as vestes, semelhantes às encontradas nos retratos da aristocracia fluminense da época, apresentam um homem bem-sucedido e confiante. Estavam então, lado a lado, a fina flor da elite carioca, advogado e proprietário, e um “trabalhador” e “bom negociante” (palavras do próprio narrador), sem um nome de família de respeito, com mentalidade prática e desdém pela erudição bacharelesca. (BOUCINHAS<sup>3</sup>, 2015).

Naquele tempo, por mais mulheres bonitas que achasse, nenhuma receberia a mínima parte do amor que tinha a Capitu. À minha própria mãe não queria mais que metade. Capitu era tudo e mais que tudo; não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela. Ao teatro íamos juntos; só me lembra que fosse duas vezes sem ela... (ASSIS, 1997, p. 204).

Sim. Mas para Bentinho Escobar representava a ameaça incontestável empoderada pelo ícone do falocentrismo: corpo atlético a exalar virilidade, confiança, alegria, potência, intensidade, duração... tudo que uma mulher poderia esperar na cama e que nele seria de duvidar por representar o oposto: baixa autoestima, corpo nada hercúleo, desconfiança, ciúme, fraqueza, casmurrice.

Com efeito, parecia que Bentinho se sumia feito o “inho” de seu próprio nome, numa composição diminutiva que não poderia preconizar nada pior. O “inho” ao mesmo tempo que denotava carinho se lhe avultava gigantesco a denunciar sua pequenez, sua falta de robustez, enfim, sua precária normalidade de fado de uma apenas pseudomasculinidade, eternamente conspurcada pelo ideário da criação do homem como figura lendária, em oposição à figurativização mítica da mulher.

Para Bentinho parecia muito lógico agora, e definitivamente apropriado, o porquê a mulher destronou o homem do Jardim do Éden, fazendo-lhe refém incapaz de superar e satisfazer os desejos pelo sexo oposto. Em sua cosmogonia, o homem caído passa a desterrado em seu próprio e peregrino exílio, condenado ao deserto de suas aflições, dessacralizado e dominado pelo feminino.

---

<sup>3</sup> Historiador, é coautor de Pernambuco em Chamas, pela Fundação Joaquim Nabuco, e doutor em literatura brasileira pela UFRGS. Edição 105. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-segredo-de-escobar/>.

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

### 3. LUA DE MEL EM *O PRIMO BASÍLIO*

Neste clássico de Eça de Queiroz o fraco da vez é Jorge, símbolo do homem do final do século XIX, demonizado pelo cetro do indecível. A propósito, Luísa não é enredada por Basílio, pelo contrário, ele é enredado por ela, fulminado pela luz anunciada em seu nome, Luísa! Como a fásca que incendeia os campos da seara do senhor...

— Minha senhora — veio dizer Joana baixo — é o primo da senhora que se vem despedir...

Abafou um grito, balbuciou:

— Que entre!

Os seus olhos dilatados cravavam-se febrilmente na porta. O reposteiro franziu-se; Basílio entrou, pálido, com um sorriso fixo.

— Tu partes! — exclamou ela surdamente, precipitando-se para ele.

— Não! — E prendeu-a nos braços. — Não! Imaginei que me não recebias a esta hora, e tomei este pretexto.

Apertou-a contra si, beijou-a; ela deixava, toda abandonada; os seus lábios prendiam-se aos dele. Basílio deitou um olhar rápido, em redor, pela sala, e foi-a levando abraçado [...] (QUEIROZ, 2002, p. 121).

Esta cena já denuncia um Jorge que em muito se distancia do cavaleiro domador de dragões, combatente feroz dos anjos do mal, sob o comando do arcanjo Gabriel. Se por um lado, aliás, Gabriel incorpora o anjo do amor, por outro, é o anjo da morte, posto sua conhecida impiedade para com aqueles que ousaram se interpor nos planos de Deus. Assim, o rito de nominar segundo as tradições não concretiza mais no Jorge burguês de *O primo Basílio* nem um extremo nem outro. Aí Jorge é apenas um quase homem, entremeado, taciturno entre as trevas e a luz em Luísa. Enquanto ela brilha ele se apaga; enquanto ela cavalga ele se prostra:

Subitamente, porém, todo o teatro teve um "ah!" de espanto. Fez-se um silêncio ansioso e trágico; e todos os olhos, milhares de olhos atônitos se fitavam nó pano de fundo, onde um caramanchão arqueava a sua estrutura toda estrelada de rosinhas brancas. Ela voltou-se também como magnetizada, e viu Jorge, Jorge que se adiantava, vestido de luto, de luvas pretas, com um punhal na mão; e a lâmina reluzia — menos que os olhos dele! Aproximou-se da rampa e curvando-se, disse com uma voz graciosa: — Real Majestade, senhor infante, senhor governador civil, minhas senhoras, e meus senhores — agora é comigo! Reparem neste trabalhinho! Caminhou então para ela com passos marmóreos que faziam oscilar o tablado; agarrou-lhe os cabelos, como um molho de erva que se quer arrancar; Curvou-lhe a

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

cabeça para trás; ergueu de um modo clássico o punhal; fez a pontaria ao seio esquerdo; e balançando o corpo, piscando o olho, cravou-lhe o ferro! (QUEIROZ, 2002, p. 214).

Então, pouparemos os leitores de imaginarem o romance de Eça apenas como a transcrição banal e melancólica de um casinho burguês para o qual a hipocrisia velada daquele tempo requeria extrema discricção nos apontamentos de casos assim. Muito mais que a análise das personagens em si, aqui nos interessa uma análise do que pode ter sido de fato e de fato fora ocultado pela praxe ordinária.

Naturalmente, a sociedade que lha servia de invólucro fará com que Luísa se torne enfermiça e morra, enquanto Jorge seguirá com o estigma de marido traído e cristão. Basílio, por sua vez, aquele que não vive como alguém a esperar pelo céu ou inferno. É a alcunha do burguês que não sabe a que se vive, numa contestação de Jorge como burguês que ainda finge que acredita; ambos, alcunhas do sortilégio de uma religião que se perdia.

#### 4. A ETERNA LUA DE MEL EM SALOMÉ

Talvez a mais perfeita encarnação do desejo, bem como de sua personificação seja ainda a da bíblica Salomé, que em pleno Novo Testamento mistura *morte, sangue e orgasmo* ao entregar num prato a cabeça de João Batista, aquele que veio a preparar o caminho a Jesus Cristo.

Com efeito,

[e]la se tornara uma espécie de encarnação simbólica da Luxúria indestrutível, a Deusa da Histeria imortal, a Beleza maldita e elevada acima de todas as outras belezas pela catalepsia que endurece sua pele e enrijece seus músculos, a monstruosa Fera, indiferente, irresponsável, insensível, envenenando, tal qual Helena no mito antigo, tudo que dela se aproxima, tudo que a vê, tudo que toca. (Hutcheon; Hutcheon, 2003).

O corpo de Salomé representa a condenação do homem dobrado aos desejos dela. Ele fará tudo, inclusive morrer por ela, sofrer antes de mais nada, padecer torturas indescritíveis, deixar-se-á levar ao abismo como que embebido num absinto... e o pior: voltaria e faria tudo de novo, mil vezes morreria. Não por amor, mas pela *lua* de Salomé. Tudo nela lhe traga de forma inescapável, o absorve como a esponja que suga cada gota: ele sabe que não viverá, mas inexplicavelmente saltará para as profundezas da morte desde que possa tão somente imaginar olhar o corpo nu em movimento de Salomé.

A Bíblia nos dá belos e profanos exemplos de mulheres fatais desde os tempos mais primevos do texto sagrado. Poderíamos até dizer: desde os primeiros dias no Paraíso a mulher sobressai-se como aquela que em seu próprio corpo escravizaria o homem. Ao homem,

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

tornado sacrílego por incapaz de guardar o Jardim do mal propositadamente posto ali por Deus, a fim de testar a fidelidade de sua criatura masculina, — restaria ainda a incompatibilidade irônica no âmbito de sua sexualidade, naturalmente muitas vezes mais frágil e muito mais rapidamente saciável em relação à mulher, daí a alcunha de demônio em muitas tradições ainda imposta ao corpo feminino, ao que homens de tribos ainda nas ditas civilizações de hoje em dia impõem o uso de tecidos e outros subterfúgios com o fim único de esconder os traços enlouquecedores da sedução por qual esses homens se fazem vitimizados.

De fato,

[...] o poder de Salomé como personagem vem da progressiva incorporação cênica daquela perversa disjunção entre a sexualidade patológica, perigosa da *femme fatale* castradora, e a inocência e obstinação dessa jovem garota - e de sua história bíblica. (Hutcheon; Hutcheon, 2003).

## 5. CONCLUSÃO

O signo da castração eternizou-se na literatura ocidental por meio de Freud, ao que citamos como muito bom exemplo de reconhecimento desse signo o texto de *O Homem de areia* (E. T. A. Hoffmann) bastante explorado sob o prisma freudiano, porque nos apresenta Natanael – o menino que cresce atormentado virando-se um quase-homem dada sua condição de impotente sexualmente a ponto de passar a vida fugindo do casamento com Clara, resguardado pela fantasia que criara em torno da autômato Olímpia.

Deixando de lado os topônimos fortemente sugestivos, o fato literário esclarece que Clara lhe aturdiu o sentidos porque representava a Natanael sua incapacidade quanto a poder satisfazer Clara sexualmente. O trauma de infância que lhe ficara imortalizado trazia-lhe o homem de areia ressignificado na condição de senhor que pune ao menino desobediente. Ora, frequentemente associamos a punição masculina ao ato de castração, o que, com efeito, é a pior punição possível. Trata-se de desconstruir o homem até o ponto do que ele jamais desejaria: o não tornar-se homem.

Assim, Natanael incorpora de tal forma o trauma sofrido que não se sente nunca à vontade com mulher de verdade. Ao mesmo tempo que se sente atraído pelos predicados femininos, também se sente ameaçado ao extremo de tentar matar àquela a quem jurava amor. Olímpia representa sua tábua de salvação: a autômato lhe oferecia a possibilidade de flertar com os trejeitos de sua silhueta de mulher numa relação sexual apenas imaginária, logo, assexuada.

“Ser uma Faculdade inclusiva, comprometida com a formação científica, cidadã e ética”.

Natanael é o protótipo desse homem desencaminhado nele e dele mesmo, medrado, incompetente e sabedor de seu mergulho no infortúnio do não-ser, a vagar vazio, descompensado e triste em estado de átomo em severa esfera de castigo por se autoinfligir a desobediência a Deus e a queda do Éden.

## 6. REFERÊNCIAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 1997.

HUTCHEON, Linda; HUTCHEON, Michael. O corpo perigoso: a dança de Salomé. **Rev. Estud. Fem.** v.11 n.1 Florianópolis jan./jun. 2003.a

QUEIROZ, Eça de. **O primo Basílio**. Ciberfil – leitura digital. 2002. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ph000227.pdf>.